

A RELAÇÃO DE PESQUISA ¹

Camille Lacoste-Dujardin

As ciências sociais estão em questão: ao mesmo tempo em que vêm seus recursos reduzidos pelos organismos financiadores, são contestadas por alguns de seus erros ou ilusões - do passado, sobretudo -, cometidos por quem as pratica: são por vezes até mesmo condenadas publicamente, como é o caso da etnologia, por seus compromissos com o imperialismo.

Mas este questionamento não tem apenas aspectos negativos: ele obriga a que se coloquem problemas que puderam ser mascarados até agora. Assim é que começamos a nos interrogar sobre a razão de ser, o sentido, e a própria natureza destas ciências e de sua produção. Mas porque limitarmo-nos à análise de suas produções, das obras de seus pesquisadores? Não convinha interrogarmo-nos também sobre o encaminhamento das pesquisas? Frequentemente, uma vez concluída a pesquisa, somente os resultados são conhecidos, publicados e, eventualmente, discutidos e criticados. Mas o processo pelo qual este resultado foi obtido, o ato primeiro sobre o qual se fundamenta toda pesquisa em ciências sociais: a pesquisa, permanece ignorada.

No entanto, há muito tempo, os pesquisadores das ciências "exatas" (química, por exemplo), julgam indispensável descrever exatamente as condições precisas de suas experiências, a maneira pela qual obtiveram seus resultados e em oposição, a quase totalidade dos pesquisadores em ciências sociais guarda silêncio sobre esse capítulo. Aqueles que mais debatem os pressupostos teóricos, os que denunciavam mais claramente os efeitos do etnocentrismo, etc., guardam segredo sobre sua prática de pesquisa e eludem as questões que podem ser colocadas sobre esse assunto. É evidente que o problema das

12 Copias

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos

Texto 15 – item 4.1 aula 6

LACOSTE-DUJARDIN, C. A relação de pesquisa. São Paulo, mimeo, 24 p. (Original em Herodote, n. 8, 4^o. trimestre 1977, Paris. Tradução preliminar de Profa. Dra. Maria Regina C. de Toledo Sader)

relações do pesquisador com o objeto de sua pesquisa não se coloca, de forma alguma nos mesmos termos para os pesquisadores das ciências exatas que estudam a matéria (mesmo que viva), que para os das ciências sociais, que analisam os seres humanos. A excessiva discrição desses últimos quanto à sua prática de pesquisa deve-se à extrema complexidade desta relação social, ao constrangimento que podem sentir ao tratar outros homens como "objetos" de estudo, "seus" objetos de estudo, e também ao pressentimento das responsabilidades morais e políticas a que leva esta prática científica.

No entanto, em alguns setores de ciências sociais, nos estudos de literatura oral, por exemplo, não se considera como necessário, senão indispensável, descrever exatamente as condições do "contexto" nas quais os textos, contos ou poemas foram coletados. Mas é verdade neste caso, que o pesquisador não intervém nos discursos já elaborados, e se contenta em gravar e observar. O mesmo não acontece quando se trata de uma pesquisa cujos resultados dependem das questões que o pesquisador colocou, da forma como as colocou, e das respostas que lhe foram dadas, bem como das idéias que estas fizeram nascer.

Entretanto, para levar a cabo uma pesquisa em profundidade o pesquisador foi acolhido no seio de um grupo social que o recebeu, viveu um longo período entre homens e mulheres, teve com alguns deles longas conversas, porque então silenciar sobre todas essas condições que permitiram não só a coleta dos materiais que ele usará na elaboração de seu trabalho, mas também o nascimento de algumas de suas idéias essenciais? Por que não expor a forma pela qual se desenvolveu a pesquisa no tempo, sua evolução, seus desvios, os acontecimentos que cercaram a forma pela qual uma determinada informação pôde ser obtida ou a gênese de uma determinada idéia?

A análise da relação estabelecida pela pesquisa deveria partir do exame de todos os fatores que podem entrar em jogo para constituí-la, sua duração entre os principais protagonistas. Seus papéis respectivos devem ser encarados nos momentos essenciais de toda pesquisa: as perguntas e as respostas. Elas estão evidentemente ligadas, mas não é evidente que as respostas sejam apenas

¹ Texto para discussão - (in Herodote nº 8 - 4^o trimestre 1977 - Ed. Maspéro - Paris - França) - tradução preliminar da Profa. Dra. Maria Regina C. Toledo Sader

passivas e somente determinadas pelas perguntas: as primeiras que frequentemente não são fortuitas, podem ultrapassar o propósito, ir mais além das perguntas colocadas pelo pesquisador, levando-o a fazer novas questões sobre novos problemas.

As primeiras observações do pesquisador no seio do grupo que ele estuda, dependem de sua problemática (fruto de sua experiência, do preparo recebido), de suas leituras, das comparações que ele pode fazer com outros grupos que conheceu ... Essas primeiras observações dão origem a hipóteses. As perguntas que delas decorrem são colocadas a membros do grupo, entre os quais, alguns - homens e mulheres - tomam-se interlocutores privilegiados do pesquisador. Entre esse e aqueles é que se estabelece essencialmente, e evoluem de forma duradoura, a relação de pesquisa.

Mas, através de suas perguntas, o pesquisador transmite pouco a pouco, voluntária ou involuntariamente na maioria das vezes, uma parte de sua problemática a esses interlocutores que se interessam pelas perguntas e respondem-nas sugerindo novas idéias e novas perguntas. Há, pois, uma transmissão de saber, de idéias, entre as pessoas nos dois sentidos, ainda que de maneira frequentemente desigual. A transmissão do saber assim produzido, não se faz somente pelo pesquisador fora do grupo e ao término da pesquisa, ela se faz também no próprio seio da relação de pesquisa; dessa forma o pesquisador não pode atribuir parte de suas idéias somente à sua problemática inicial, ou à sua própria sagacidade, mas também àqueles que foram mais que informantes, pois foram seus "associados". E estes em virtude da pesquisa, das conversas que mantiveram com o pesquisador, não verão mais da mesma forma o grupo em que vivem.

Certamente, para muitos a pesquisa é algo totalmente diferente do que esta relação complexa e durável. Há tipos extremamente variados de pesquisa: a palavra pesquisa (que vem de procurar, inquirir) tomou significados bastante diversos que correspondem a uma busca metódica que repousa em perguntas e testemunhos: trata-se inicialmente de um procedimento jurídico - o inquérito -

(busca e audição de testemunhas em um processo). Significa ainda o primeiro passo de uma instrução judiciária: buscar o responsável (ou responsáveis) de um delito ou de um crime, reunindo testemunhas, provas, que levem os suspeitos a reconhecerem os fatos que querem ocultar. Se o pesquisador em ciências sociais é bastante discreto quanto à sua prática de pesquisa, em contrapartida os romances ou filmes policiais mostram amplamente as formas pelas quais "o inspetor conduz o inquérito"² (não se deve esquecer o papel do juiz que instrui o processo, nem dos policiais que fazem grande número de inquéritos). Outro tipo de pesquisa mais recentemente conhecido do público, é o de "sondagens": consiste na reunião de informações sobre um problema preciso, a partir de um certo número de questões precisas (o questionário) aplicadas por um grupo de "pesquisadores" a um grande número de pessoas que foram escolhidas ao acaso (amostra), ou em função de certas características comuns. Suas respostas são tratadas estatisticamente. Esse tipo de pesquisa é um método essencial nas análises sociológicas; é também uma técnica de *marketing*. Pode-se chamar de pesquisa um levantamento elaborado a partir de consultas de certos tipos de documentos (arquivos); neste caso não há contatos com pessoas.

Mas o tipo de que nos preocupa - a pesquisa em profundidade -, que é um método científico relativamente recente, é aquele onde a relação entre as pessoas é a mais longa, a mais complexa, e sem dúvida, a mais rica. São aqueles que a realizam por motivos científicos mais ou menos "desinteressados" (teses, contratos de pesquisa, etc.) pesquisadores oriundos das diversas ciências sociais, sobretudo etnólogos-e, atualmente, certos sociólogos, junto a pessoas pertencentes a um grupo humano relativamente pouco numeroso. Não se trata pois de colocar ou fazer com que sejam colocadas somente algumas questões precisas a um grande número de indivíduos: se o pesquisador utiliza além disso todos os tipos de documentos elaborados (arquivos, recenseamentos, relatórios, etc...), é a pesquisa direta que mais lhe interessa - e que lhe dá maiores contribuições e que implica, como já vimos anteriormente, em conversas pessoais com um certo número de pessoas que fornecem o essencial das informações. Estas pessoas que se tornam os interlocutores privilegiados do

² Título de um filme francês.

pesquisador, não buscam geralmente - salvo sobre determinados assuntos - transformar ou dissimular fatos voluntariamente, e dialogam de "boa vontade" com seu hóspede. O pesquisador se propõe a descrever e a explicar o que ele considera como sendo as características do grupo, observadas nas suas interações, contradições e complementaridade. Apesar da pesquisa poder priorizar apenas uma das práticas sociais do grupo escolhido como objeto de pesquisa, é no entanto, o grupo considerado na sua totalidade, que ele pretende apreender. As pessoas que constituem esse grupo são consideradas como pertencentes a um conjunto, aliás, mais ou menos evidente aos olhos delas próprias: elas podem residir num mesmo local, exercer uma mesma profissão, possuir a mesma característica religiosa, etc..

Para o pesquisador não se trata, pelo menos num primeiro momento e no essencial, de extorquir segredos dos membros do grupo que são seus interlocutores privilegiados, mas de descrever e analisar com palavras, as cifras, os conceitos, as práticas sociais deste grupo. Por sua vez, o pesquisador não conhece (pelo menos não o suficiente) as práticas que, vividas pelos membros do grupo não são por estes pensadas, analisadas, pelo menos não pelo mesmo sistema de racionalidade. O pesquisador se esforça então, em dar nomes, explicar, estabelecer relações, reconhecer estruturas, em suma, passar do conhecimento intuitivo mais ou menos não formulado, isto é, do "conhecimento fenomenológico" à um "conhecimento objetivo", formulado, construído.³ Ora, já vimos que o pesquisador não é o único a se aproximar pouco a pouco de um conhecimento objetivo sobre este grupo: alguns de seus interlocutores que, eles sim, têm o conhecimento fenomenológico, se aproximam também, à medida que a relação de pesquisa se desenvolve. É isso que explica o interesse que sentem a partir de um determinado momento, em relação à pesquisa: este faz com que descubram frequentemente uma forma mais eficaz de se pensarem e de pensarem o grupo ao qual pertencem. Esta participação de uma parte do grupo estudado não é evidentemente, um fenômeno geral e automático: depende não só do comportamento do pesquisador, mas também de condições muitos mais gerais. Veremos que na maior parte dos países, a evolução da situação

econômica, social, política e cultural contemporâneas, tende a tornar mais eficazes as relações de pesquisa e a aumentar o interesse que têm os interlocutores privilegiados, tanto no plano científico, quanto no político.

Na medida em que o conhecimento objetivo de um grupo se dá no quadro da relação que se estabelece entre o pesquisador e seus interlocutores privilegiados, convém dar maior importância à pesquisa. Frequentemente considera-se que essa relação é apenas um procedimento ligado à pesquisa, um meio de reunir "materiais, de relações humanas sem dúvida simpáticas, mas superficiais, quando na verdade, esta relação social cada vez mais frequente, determina em grande parte, a produção de idéias. É preciso por isso, considerar a relação de pesquisa, um objeto de estudo. É uma etapa epistemológica muito importante.

A pesquisa é também um problema político que nos diz respeito de forma cada vez mais frequente e próxima. Na verdade, as pesquisas em profundidade que implicam para o pesquisador em estadia ou estadias de longos meses no seio do grupo estudado, são relativamente recentes⁴, e eram até há pouco tempo, domínio de etnólogos que estudavam grupos na maior parte das vezes, não europeus, "exóticos", cujas práticas sociais permanecem mal conhecidas até o presente. Ora, há algumas décadas, esse método de pesquisa foi, cada vez mais, colocado em prática, tanto na América do Norte quanto na Europa, para estudar a fundo não somente as "minorias", mas por exemplo, uma aldeia, um pequeno bairro urbano, uma usina... - grupos cujas características e problemas, apareciam à primeira vista, como bem conhecidos. Ao tomar consciência da amplitude, complexidade e rapidez das mudanças que estão em vias de se produzirem por toda parte, inclusive nos meios onde vivemos, os pesquisadores em ciências sociais - bem como as autoridades que os financiam, ressentem da necessidade destas pesquisas em profundidade, que só podem ser feitas sobre grupos relativamente restritos.⁵ Os problemas políticos e científicos colocados por este tipo de pesquisa não atingem somente as populações do Terceiro Mundo, campo de pesquisa tradicional dos etnólogos; atingem também as populações do

³ Bourdieu, P. - "Esquisse d'une théorie de la pratique", Droz, Genève, Paris, 1972.

⁴ A primeira pesquisa deste tipo foi a de Malinowsky, "confinado" às Ilhas Trobriands, no Pacífico, durante a Primeira Guerra Mundial.

mundo "desenvolvido. É bom lembrar que entre as primeiras pesquisas em profundidade que tiveram lugar na França, estão os efetuados por sociólogos americanos e publicados nos Estados Unidos; só alguns foram traduzidos para o francês.⁵

A relação de pesquisa: elaboração - transmissão de um saber

O conteúdo de uma relação de pesquisa depende, tanto para o pesquisador quanto para seus interlocutores privilegiados, de condições sociais, políticas e culturais, pertinentes aos componentes desta relação, como também de fatores que estão ligados à personalidade desses mesmos componentes.

A situação colonial tornou excepcional a prática da pesquisa em profundidade, em virtude dos obstáculos que ela opunha ao desenvolvimento de relações humanas mais estreitas.

São conhecidas as críticas, em grande parte justificadas, feitas hoje aos estudos efetuados no contexto colonial por pesquisadores que eram basicamente agentes da autoridade estrangeira (oficiais, administradores). A relação que se estabeleceu era do tipo invasores - invadidos, conquistadores - conquistados, dominadores - dominados. É evidente que este tipo de pesquisa se definia mais pelo caráter de "serviço de informação" e de inquérito policial do que pesquisa científica. Nos casos extremos, tratava-se de compreender um grupo para saber como manipulá-lo e mantê-lo submisso, e os interlocutores privilegiados apareciam claramente como auxiliares da autoridade colonial. O tipo de pesquisa depende evidentemente do tipo de relação política entre pesquisador e pesquisados, como também do destino dado aos resultados da pesquisa.

A supressão da relação colonial direta, muitas vezes, sem ser uma transformação

radical da situação política (que pode ser do tipo neocolonial) modifica entretanto, de maneira sensível, o contexto sócio-político das relações de pesquisa. A presença de uma autoridade agora autóctone (administração, polícia) faz com que o pesquisador americano ou europeu apareça aos olhos do grupo estudado como estando menos ligado ao poder político. Isso pode ser uma ilusão, mas pode também, ser parcialmente verdadeiro. O pesquisador muitas vezes está às voltas com intrigas ou pressões administrativas, sobretudo se ele tem um relacionamento "excessivamente bom" com a população que estuda.

A multiplicação de pesquisas em profundidade nos diferentes países do Terceiro Mundo não é somente explicado pela "descolonização"; é também, o resultado das transformações econômicas, econômicas, sociais, demográficas, políticas e culturais que se fazem sentir cada vez com mais força: propagação dos aspectos da "vida moderna", difusão das trocas, circulação de idéias, aumento do desemprego, em suma, de uma tomada de consciência mais ou menos clara do "desenvolvimento das contradições do subdesenvolvimento".

Os organismos nacionais ou internacionais de "planificação" que se utilizam para seus levantamentos, nem que seja como um álibi, de diversas instituições de estudos para efetuarem pesquisas mais ou menos rápidas, não negligenciam as informações que as pesquisas em profundidade fornecem sobre casos onde as contradições são detalhadamente analisadas. Mas, no interior dos grupos que são objetos destas pesquisas , um grande número de pessoas entrevêm de maneira mais ou menos clara, a gravidade e complexidade das mudanças que estão em curso há alguns decênios, e estas pessoas que buscam entender o que se passa, tornam-se os melhores interlocutores do pesquisador quando percebem o alcance de suas questões. O aumento do numero de escolas, o papel do rádio difundindo os "discursos revolucionários" (por vezes só nas palavras), os contatos com as cidades, suas lojas, seus cartazes de publicidade, a emigração, o agravamento das contradições políticas, tudo isso faz com que mesmo nas aldeias muito pobres e aparentemente muito isoladas, o pesquisador encontre homens que se interessam rapidamente pelas questões que ele coloca,

⁵ Uma das primeiras pesquisas desse tipo é o de Brenot e Brancart: "Nouville"; desde então, muitas outras foram feitas, como por exemplo, o de Edgar Morin: "Piodemet", etc...

⁶ Lawrence Wille, "Village de Vaucuse", Collection "Témoin", Gallimard.

e tentam compreender o momento que estão vivendo. No que se refere às condições da pesquisa e da participação dos pesquisados, há cada vez menos diferenças fundamentais entre pesquisas que se efetuem em países "subdesenvolvidos" e as que se realizem no país do pesquisador. Para os primeiros, coloca-se um problema de língua (é fundamental que o pesquisador dispense o intérprete); para os segundos, o distanciamento cultural; mas os dois problemas não são intrinsecamente insuperáveis.

A eficácia que se atribui cada vez mais às pesquisas em profundidade deve - se também às transformações do estado de espírito da maioria dos pesquisadores. Se a história recente do Terceiro Mundo modificou a situação dos pesquisados, os pesquisadores do período pós-colonial não podem e não querem mais se assemelhar aos colonizadores conscientes ou não, de outrora. Quem são atualmente os etnólogos, sociólogos, geógrafos em suma, os pesquisadores em ciências sociais?

São homens e mulheres que têm como objetivo produzir saber científico. Fazem pois, parte de um conjunto definido socialmente: são intelectuais, pesquisadores universitários ou afins. Enquanto intelectuais, foram formados por um ensino integrado a um sistema ideológico certamente "liberal" mas eurocêntrico e elitista. Entretanto, em função de sua idade e de suas ligações com a Universidade e a Pesquisa, são particularmente conscientes da crise destas instituições e das contradições crescentes da sociedade em que vivem. Suas condições de intelectuais lhes dão nos Estados de regime "liberal", a possibilidade de exprimir suas críticas em relação a esse sistema, a essa ideologia, e a esse regime. Em suma, são em grande número, o que se convencionou chamar de "intelectuais de esquerda", e aplicam enquanto pesquisadores, um método de análise influenciado pelo marxismo. São portanto, particularmente cuidadosos diante das relações de classe e de poder, bem como diante das contradições no seio dos grupos que estudam. Desta maneira, em comparação com as pesquisas efetuadas há algumas décadas, as de hoje têm, não somente uma eficácia bem maior para a construção de um conhecimento objetivo, mas correspondem também à relações de pesquisa muito mais estreitas

entre o pesquisador e seus interlocutores privilegiados. Longe de abordar seus campos de pesquisa "rus" e "objetivos", os pesquisadores então impregnados de todo um conjunto de pressupostos e de bagagens de conhecimentos, originados não somente de suas histórias pessoais, mas também de suas concepções filosóficas e políticas, da formação teórica que receberam e das orientações particulares da "escola" que escolheram entre as várias tendências das ciências sociais.

A pesquisa estabelece, pois, uma relação entre um pesquisador caracterizado por sua função e origem social, e pessoas outras, homens e mulheres, que ele define por pertencerem a grupos e conjuntos sociais diferentes dos seus (salvo exceção, rara, de "pesquisa sobre a pesquisa"). No caso de um pesquisador fazer sua pesquisa no meio social na própria aldeia de onde é originário, ele é levado a tomar - conscientemente ou não - uma distância, a ter um recuo que lhe permita romper com o conhecimento fenomenológico⁷ com a experiência vivida, com o que é evidente o recuo. Esse é necessário à construção do conhecimento objetivo. Ele chega a colocar questões que surpreendem ou são consideradas chocantes para familiares que ele mesmo busca precisamente, não encarar como tais.

O interesse destas pesquisas em profundidade, que implicam em relações estreitas, reside inicialmente no fato de que o pesquisador não utiliza o questionário, medição falaciosamente neutra, que frequentemente permite apenas uma aproximação superficial, "estatística", de numerosos problemas. Ele utiliza de preferência, a "entrevista não-direcionada" com cada um daqueles que são seus interlocutores privilegiados na pesquisa. Há uma segunda razão para esse interesse: o pesquisador, seja ele etnólogo, sociólogo ou antropólogo, dá uma importância especial aos indivíduos que ele tenta apreender num nível preciso, onde o Individual se articula ao coletivo, num grau aparentemente mais simples da socialização. O uso atual da utilização da palavra antropologia (de origem universitária anglo-saxônica)⁸, não provém, pelo menos em parte, da ênfase colocada por este saber sobre o Homem com H maiúsculo, e não sobre o

⁷ Cf Bourdieu, P., op. cit.

grupo, a etnia, ou a sociedade? Não tem a antropologia como objeto principal o estudo do Homem universal? Há uma terceira razão para generalização deste tipo de pesquisa: É ao situar-se a nível da análise individual de seus interlocutores que o pesquisador sente-se e, por vezes, busca ser a testemunha de destinos pessoais. Ora, de que maneira transmitir mais eficazmente esse testemunho, de que maneira dar-lhe mais força persuasiva em benefício de futuros leitores, do que fazer conhecer a vida e os problemas quotidianos destes outros homens e mulheres, com os quais os leitores poderão comparar suas próprias condições e suas próprias atitudes diante dos problemas de seus cotidianos?

Tudo isso se inscreve muito bem no movimento de idéias contemporâneas pois, atualmente, o questionamento dos problemas que se referem a liberdades individuais ou sociais, ao lugar do indivíduo no seio da família e da sociedade, suscita um interesse crescente nos meios cultivados das sociedades ocidentais. Nestas condições, as pesquisas levadas a cabo neste nível, de certa forma "molecular", não são precisamente susceptíveis de serem recebidas de maneira particularmente sensível, respondendo a uma necessidade, a uma demanda? Esta escala de pesquisa é com efeito, particularmente adequada à análise de fenômenos que se situam na base da escala social, onde nascem fenômenos coletivos de tomada de consciência de solidariedades camponesas ou cidadinas, isto é, nos níveis da hierarquia mais distanciados do poder - níveis que mais sobre os efeitos de dominação, mas que são também os mais opacos à simples observação estatística.

Constata-se inclusive, atualmente, que os pesquisadores em sua grande maioria são manifestamente atraídos pelo estudo dos "dominados": o fato de pertencerem enquanto intelectuais aos movimentos de idéias de nosso tempo, permite a prestação de contas de seu interesse particular por esta análise dos dominados. Reflete evidentemente, suas opções ideológicas, mas suas pesquisas minuciosas podem ser igualmente preciosas aos que exercem o poder, e que têm necessidade de estarem informados sobre a "base", a fim de melhor

⁸ Cf. Panoff, M. - "Ethnologie - le deuxième souffle", Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1977 (p.32 et s.)

adaptar, eventualmente, dispositivos de controle para poderem dominar com mais eficácia.

Não se poderia então, negligenciar a importância das condições sócio-políticas no seio das quais a relação de pesquisa tem lugar. Deste contexto dependem em grande medida, as posições respectivas dos pesquisadores e pesquisados, bem como a qualidade das relações que se estabelecem entre eles.

Mas no seio deste contexto, as personalidades individuais dos interlocutores constituem outros fatores que podem afetar de forma variável, a relação de pesquisa; seu sucesso em grande parte, depende disso, sobretudo no que se refere ao pesquisador, personagem central desta relação que polariza as diferentes relações. O pesquisador pode estar excessivamente afetado por problemas "pessoais" para estar em condições de estabelecer comunicações cordiais, "harmoniosas" e eficazes com seus interlocutores. Não é sintomático que numerosos pesquisadores, cujas relações de pesquisa, ao que parece, foram cheias de dificuldades, e até mesmo de fracassos, recusem-se a pensar teoricamente esse aspecto da pesquisa, e conseqüentemente, a analisar sua própria prática de pesquisa? Em contrapartida, relações positivas incitam os pesquisadores a serem menos secretos. Boas disposições para a comunicação interpessoal parecem indispensáveis a um pesquisador de "campo", sobretudo tratando-se de pesquisas em profundidade. Ao se introduzir no seio do grupo, que constitui o objeto de seu estudo, o pesquisador se impõe com discrição maior ou menor, com habilidade ou sorte. Detentor virtual de um saber do qual espera a complementação, - por vezes a simples confirmação ou somente a ilustração de um raciocínio teórico - por parte de seus interlocutores, ele pode tender a transformar sua busca em exigência, e a reproduzir nessa relação, relações de poder, não somente intelectual, até mesmo de dominação, que comprometem o sucesso de seu empreendimento. Sem dúvida, a personalidade profunda do pesquisador se encontra inteiramente implicada nessa relação de pesquisa - os diversos especialistas em ciências humanas não falam entre eles de "desafio de campo", esta espécie de iniciação que deve consagrá-lo enquanto pesquisador, e na qual se joga efetivamente seu futuro científico?

Diante dele, os pesquisadores não sofrem passivamente sua intromissão; eles lhes dão um lugar ao mesmo tempo real e fictício, um papel que pode ser evidentemente bastante diferente, dependendo do fato de sua pesquisa se desenrolar em seu próprio país ou no exterior. Tudo isso não exclui a manipulação que aparece, aliás, como a sanção de sua integração, pois ela é a prova do papel atribuído ao pesquisador, dos serviços que ele pode prestar: escrita, intermediário ou porta-voz diante da administração, detentor de um saber utilizável ou simplesmente personagem, notabilidade, cuja aliança permite reforçar o prestígio de seus pesquisados e interlocutores privilegiados. Estes últimos colocam em jogo também sua própria posição dentro do grupo onde o pesquisador se introduziu provisoriamente, mas onde eles permanecem após a partida daquele.

Com efeitos nenhum grupo, qualquer que seja o conjunto que o define, é socialmente homogêneo, e o pesquisador deve estar consciente dos lugares que nele ocupam seus interlocutores principais. São eles os notáveis? Ou pelo contrário, estão entre os menos favorecidos, entre os marginais? Trata-se de jovens ou de velhos? Em toda pesquisa sobre um grupo, o problema das mulheres coloca-se em termos especiais, e elas estabelecem contatos (que podem ser bem estreitos), apenas se o pesquisador for mulher como elas. O ideal para um pesquisador, seria ter interlocutores em cada subconjunto que ele conseguir distinguir no seio do grupo que ele analisa. Estar em bons termos com alguns, significa frequentemente, estar em maus termos com outros. O papel do pesquisador não é neutro.

As informações que o pesquisador reúne, progressivamente, ao recolher testemunhos, ao confrontá-los, ao recorrer aos arquivos, à documentos dos quais os pesquisados não dispõem, este saber que ele elabora metodicamente não tarda a transparecer em novas questões que ele coloca. Reconstituir a história local dos últimos decênios ou pedir explicações de como tal acontecimento se produziu, e no qual o grupo se encontra implicado, não deixa de fazer nascer (ou renascer) controvérsias em seu seio, e provocar debates quanto às

responsabilidades de tal ou qual pessoa. O conhecimento objetivo que o pesquisador elabora, e também ao mesmo tempo - em graus menores, mas não necessariamente - seus interlocutores, desnuda contradições, divergências de interesse e, logo aparece a certos membros do grupo (aos jovens, aos mais desfavorecidos, aos militantes), como um meio de contestarem as decisões tomadas por aqueles que detêm alguma forma de autoridade. Isso se produz tanto no Terceiro Mundo quanto nos países "desenvolvidos", tanto em meio rural, quanto em meio urbano e industrial (questionamento da política municipal, das decisões do patrão, e por vezes, também dos dirigentes sindicais, etc.). Uma pesquisa em profundidade no seio de um grupo, provoca neste frequentemente, uma verdadeira crise, tensões graves, tal a consciência que a relação de pesquisa desperta nos interessados, contradições que eles até então, tinham mascarado. As relações entre o pesquisador e seus interlocutores são então, fortemente carregadas de riscos pessoais: a presença do pesquisador pode ser considerada como um compromisso aos olhos dos representantes de um poder, os pesquisados correm o risco de ter que, eventualmente, suportar as consequências disso. Tudo isso, o pesquisador deve levar em conta. Não está em jogo apenas o bom desenrolar de seu trabalho, mas sua intervenção pode ter graves consequências para aqueles que se tornaram seus interlocutores privilegiados. Esta é talvez, sua responsabilidade mais importante.

Uma pesquisa em profundidade é uma operação potencialmente subversiva, na medida em que, pelo efeito da transmissão das idéias que a relação de pesquisa implica, informações até então reservadas a certos níveis sociais são colocadas em circulação no conjunto do grupo estudado, e também na medida em que ela põe em contato idéias de categorias impermeáveis umas às outras. Mas a revelação, pela relação de pesquisa, de tensões latentes, pode romper barreiras sociais e abrir um diálogo real entre os membros de um mesmo grupo.

O diálogo se estabelece também entre o pesquisador e aqueles que são seus interlocutores privilegiados. A atitude do pesquisador é essencialmente determinada pelo fim a que ele se propõe: construir um conhecimento o mais objetivo possível. Para fazê-lo, ele observa, faz perguntas, coloca-se na posição

de interrogador. Ora, esta posição é de natureza contraditória, pois implica em um movimento em sentido duplo: o recuo indispensável ao conhecimento objetivo não pode existir sem o movimento oposto, aquele pelo qual o pesquisador se aproxima dos pesquisados num esforço de compreensão e de familiaridade, que condiciona em grande medida, sua aceitação no seio do grupo, e a cordialidade de suas relações com seus principais interlocutores.

Não se fala atualmente em "etnologia participante"? Certos pesquisadores que a defendem, consideram que é preciso se introduzir de maneira tão íntima no seio dos pesquisados, a ponto de dividir com estes suas vidas em todos os momentos e em todas as atividades, como um verdadeiro membro do grupo. A relação seria então, a mais estreita possível. Mas esta "identificação" corre o risco de ser apenas uma ilusão, pois quaisquer que sejam suas aspirações, o pesquisador permanece sempre, aos olhos dos que o recebem como alguém diferente, vindo de fora, mais ou menos distante culturalmente. Depositário de um projeto que certamente os envolve, mas do qual eles não tiveram a iniciativa, nem a intenção, e muito menos os meios. Projeto esse que sabem ter nascido e que desembocará em outro contexto que não é o deles, mas do qual o pesquisador veio e para onde partirá um dia. Os raros pesquisadores que pesquisaram sobre o grupo do qual se originaram e com o qual conservam ligações estreitas, sabem do mal estar que nasce entre seus familiares o questionamento daquilo que para eles é evidente, é comum, mas que se torna problema a partir do momento que se busca relatá-lo metodicamente. Em contrapartida, o fato de um pesquisador ser exterior ao grupo, no qual tão pouco permanecerá, faz com que lhe sejam ditas frequentemente coisas que não se comenta no interior do grupo.

O pesquisador não deveria desconhecer a natureza destas relações. É preciso que ele tenha a dimensão da evolução de sua aproximação e de sua distância. Estar atento, entre outras coisas, à sua própria experiência de vida dentro e fora do grupo. Estar cômico das posições que é levado a ocupar dentro dele, tanto as que ele escolheu assumir e as que lhe são impostas. Sua condição de alguém de fora e as possibilidades que daí decorrem, em suma, todos os fatores que determinam seu ponto de vista, o ângulo pelo qual está orientado seu trabalho de

pesquisa.

Qualquer que seja esta relação de pesquisa e seu grau de complexidade - quer ela se efetue no seio do próprio grupo ao qual pertença o pesquisador ou não - ela tem sempre a propriedade de estabelecer um contato mais profundo do que o que se espera entre pessoas pertencentes a conjuntos sociais e culturais diferentes. Esta diferença pode ser maior ou menor segundo o caso. Ela é enorme quando as pesquisas são realizadas em grupos muito "exóticos" em relação a sociedade à qual pertence o etnólogo. São menores à primeira vista, mas sem deixar de ser um problema, quando realizadas no seio da própria sociedade do pesquisador, em grupos que podem ser definidos por sua posição particular na divisão do trabalho ou as relações de classe, por exemplo. Neste sentido, a relação de pesquisa aparece ainda como potencialmente subversiva, pois ela se estabelece ultrapassando barreiras sociais. O diálogo que se estabelece entre o pesquisador e seus interlocutores corresponde a uma operação intelectual extremamente importante. Talvez mais para os segundos do que para o primeiro, pois é a tentativa de construção de um conhecimento objetivo⁹ daquilo que é seu destino.

Esta relação de pesquisa é pois, complexa, contraditória e dialética, implicando ao mesmo tempo, em aproximações que mobilizam a subjetividade do pesquisador e dos pesquisados, e em distanciamento que aquele deve assumir (e que os pesquisados também podem assumir), indispensável à objetividade. Este distanciamento não pode significar, uma vez terminada a pesquisa, na indiferença do pesquisados em relação às consequências que podem ter o trabalho para o grupo no seio do qual ele viveu.

⁹ Foi assim que os célebres Dugon, interlocutores de Marcel Griaule, que se tornaram especialistas no ensino, explicação, exposição objetiva de sua cosmogonia após a estadia do célebre etnólogo. Foi também o caso de minha informante principal que passou a encarar seus problemas pessoais em função de um contexto mais geral e de forma tão nova, que alterou o sentido que passou dar a sua vida. (Cf. "Dialogues des femmes en ethnologie", Maspéro, Paris, 1977).

A transmissão - utilização do saber após a pesquisa

A relação de pesquisa deve ser considerada na sua duração, na sua história, pois, enquanto ela se desenvolve, modifica sensivelmente o ponto de vista dos pesquisados sobre eles próprios, pelo menos daqueles que se tornaram os interlocutores privilegiados na pesquisa. Eles não são simples "objetos de estudo" sem consciência ou espírito crítico, nem tão pouco simples informantes. De fato, eles participaram e contribuíram de perto ao esforço da objetividade, tanto que eles se sentem relacionados diretamente pelos resultados desta pesquisa que trata de suas vidas e expõe seus problemas.

Esta tomada de consciência que é a pesquisa em profundidade, é mais ou menos intensa, mais ou menos eficaz segundo o caso - e isso não depende tanto das aptidões das pessoas observadas quanto da maneira de atuação dos pesquisadores e da qualidade do diálogo com seus interlocutores. Há aqueles que falam o menos possível com seus interlocutores, contentando-se colocar questões e recolher respostas. Outros, pelo contrário, buscam explicar as razões da pesquisa, prestam contas a seus interlocutores e comunicam em termos acessíveis as informações que ele possui a respeito deles, mas que os mesmos ignoram. Em virtude de seus contatos exteriores, o pesquisador dispõe, na maioria das vezes, de documentos e informações que dizem respeito diretamente ao grupo estudado. Falamos do interesse que hoje, grande número de pesquisadores têm em relação ao estudo de "dominados".

Certamente os profissionais do estudo dos fenômenos sociais procuram analisar os efeitos sobre aqueles que são a eles submetidos, e que são também os mais desprovidos. Desprovidos particularmente de informações que lhes permitiriam compreender e identificar as forças que se exercem sobre eles. Colocar em evidência, a título de exemplos preciosos, em uma publicação científica, as consequências que têm essa dominação e esses poderes sobre a população que mais sofre a atuação dos mesmos, é claramente útil no debate político geral. Mas não seria mais útil ainda para os homens e mulheres diretamente atingidos? Por

outro lado, esta afinidade especial dos pesquisadores em ciências sociais, referentes ao estudo de relações de dominação, estudo feito exclusivamente do lado dos dominados, tem frequentemente por corolário a carência (muitas vezes criticada nos etnólogos), desses estudos. Encarados também do lado dos dominantes, levam em conta sua hierarquia, seus níveis intermediários e suas mediações.

Não se trata evidentemente de ficarmos na denúncia teórica do imperialismo considerado ao nível planetário, mas de ver como concretamente as relações de dominação se exercem sobre o grupo de dominados que escolhemos como objeto de estudo. É remontando a partir dele, de seu caso preciso a pirâmide de poderes, que é possível ao mesmo tempo, fornecer-lhe informações que podem ser úteis e, articular essa análise local com as estruturas de poder ao nível nacional e internacional.

Tomar apenas a escala do grupo em consideração (aldeia, bairro, fábrica, etc.) é cada vez menos suficiente para uma pesquisa séria, pois todos os grupos sofrem as consequências de sua integração no seio de conjuntos mais vastos - nacionais ou supranacionais. Os resultados da dominação não poderiam ser entendidos sem levar em conta o conjunto das relações pelas quais se exerce essa dominação, sobretudo, os que a exercem mais diretamente sobre o grupo que é o objeto da pesquisa. Esta análise em diferentes escalas, é evidente que deve ser feita pelo pesquisador. Mas porque não tentar relatá-la aos primeiros interessados, aos que suportam essa pirâmide de poderes?

Compreender, saber, é ao mesmo tempo abrir a possibilidade de se chegar a meios de ação, de mudança, transformação que não são certamente, tão radicais, e frequentemente, estão longe de serem suficientes. Mas porque negligenciar as possibilidades de progresso, mesmo que frágeis, suscetíveis de destravar ainda que, apenas um pouco, o agravamento da opressão e de miséria? Toda pesquisa em ciências sociais fornece de fato uma soma de informações, possibilidade de compreender estruturas, de apreensão de mecanismos sociais que podem ser utilizados para exercer uma ação sobre o grupo estudado, mas também, contraditoriamente, para que o grupo estudado

possa empreender uma ação.

O problema da relação de pesquisa é também o do destino deste conhecimento produzido pela pesquisa. Quem vai utilizar esse saber? Quem vai dispor das informações colhidas pelo pesquisador e que permitem frequentemente criar novos meios de ação, novas formas, novas estratégias? Esse é um problema bem amplo que só pode ser resolvido por uma transformação de toda a sociedade. Mas os pesquisadores não podem fugir deste problema, não só de forma teórica, mas também no quadro de sua prática pessoal.

Este problema da relação de pesquisa e da utilização do saber se coloca por vezes, em termos dramáticos e imediatos. Durante a guerra da Argélia, por exemplo, certos etnólogos utilizaram o conhecimento que haviam adquirido nas aldeias onde haviam pesquisado, para contribuir eficazmente à "pacificação" e à luta contra os rebeldes. A última guerra do Vietnã fornece também exemplos análogos de utilização militar e policial de pesquisas antropológicas (particularmente as dos pesquisadores da Universidade de Michigan).

Certamente, o problema do destino dos resultados da pesquisa se coloca habitualmente de forma menos dramática, mas em boa parte cabe ao pesquisador a decisão: da forma como se estabeleceu o diálogo com seus interlocutores, da forma como ele exprime os resultados de sua pesquisa, depende o sucesso de seu trabalho.

Frequentemente até agora, os pesquisadores não pensaram em transmitir os resultados de seu trabalho senão à comunidade científica. Esta preocupação é legítima e indispensável. Mas, ao complementar os resultados pela descrição da sua relação de pesquisa, o pesquisador dá a possibilidade a outros de compreenderem como e por quem os fatos foram observados e interpretados.

Ora, o estilo científico convencional mascara esse problema da relação de pesquisa, fazendo crer que os resultados que apresenta apareceram pela evidência, espontaneamente, sem intervenção de outros, simplesmente como

resultado da observação. As vozes verbais habitualmente empregadas em obras científicas pretendem uma falsa objetividade - o uso da forma passiva, do impessoal, do plural de polidez (o famoso "nós"), tendem a apagar a personalidade do pesquisador, e mais ainda, a de seus interlocutores, sob a aparência de uma falsa cientificidade, de uma espécie de mecanicismo abstrato de produção de idéias científicas. De fato, o pesquisador intervém em pessoa na coleta dos dados como na sua elaboração. Então, porque não assumir ele próprio a responsabilidade de suas próprias elaborações, de suas reflexões, de seu próprio trabalho? É um homem que estuda outros homens.

Porque não empregar simplesmente a primeira pessoa, porque não dizer "eu penso que as coisas são assim" - em lugar de dizer "as coisas são assim"; e porque não dar nome aos interlocutores de sua pesquisa?

Por outro lado, a formulação dos resultados obtidos pelos pesquisadores é frequentemente feita em termos tão escolhidos, tão requintados, e de forma tão severa e tão sofisticada, que a leitura torna-se muito difícil, acessível apenas aos iniciados. Ora, da forma como são redigidas as obras depende a aceitação do trabalho. Uma certa formulação que se pretende científica, reserva a utilização e o benefício deste trabalho às pessoas suficientemente iniciadas nessa linguagem, eia conduz a uma forma de monopolização do saber.

Além da audiência da comunidade científica, estas publicações deveriam poder ser lidas por um público bem mais amplo. Não se trata apenas de levar ao seu conhecimento, exemplos de análises metodológicas de situações na quais se encontra este ou aquele grupo de seres humanos. Certamente não é inútil mostrar a complexidade das contradições e de se afastar do simplismo maniqueísta que prevalece em bom número de "análises" políticas, feitas em um nível por demais geral e alegórico para permitir a apreensão de uma realidade bem mais complexa e confusa. Para tentar sair do "gueto científico" ou do gueto dos intelectuais, seria preciso primeiro, procurar falar outra linguagem, diferente dos intelectuais e dos homens de poder. Se eles são escritos de forma simples, e o rigor da análise não se perdena, se os termos e conceitos científicos indispensáveis são explicados claramente. Muitas obras que são relatórios de

pesquisa em profundidade, poderiam sugerir o projeto de pesquisas semelhantes a homens e mulheres que, sem serem profissionais de pesquisa, buscam também compreender a situação na qual se encontram, para poderem agir sobre ela e sobre seu curso. Por vezes, é surpreendente constatar o papel que puderam ter certos livros ainda raros.

Mas a preocupação de fazer sair do gueto científico, ou do nível social, as idéias que resultam de uma pesquisa, não deveria se limitar unicamente à "vulgarização" (termo considerado pejorativo) para uso dos compatriotas do pesquisador, para uso dos que podem ler seus livros. Seria preciso pensar em primeiro lugar, em certas pessoas que não sabem ler ou leem lentamente, mas que seriam sem dúvida, os mais interessados pelo resultado da pesquisa, pois este as descreve e analisa. É porque o saber elaborado pelo pesquisador pode abrir possibilidade de ação, que me parece indispensável se preocupar, mesmo antes do fim da pesquisa, antes de partir para transmitir os resultados de seu trabalho às pessoas que foram objeto de sua pesquisa. Privá-las disso, é o mesmo que reservar essas possibilidades, esses meios de ação, à forças que poderão melhor dispor dos destinos destes homens.

Divulgar os resultados da pesquisa entre as pessoas que foram estudadas me parece uma das tarefas principais do pesquisador. A tarefa não é simples, e as formas, os procedimentos, devem ser criados. Mas porque não tentar fazê-lo? Certamente no transcurso da relação de pesquisa, na medida em que se constrói a elaboração objetiva para o pesquisador, essa transmissão é em parte, feita pelas novas questões que ele coloca. Mas trata-se de efeitos induzidos, mais ou menos confusos, não voluntários e às consequências para os interessados, podem ficar aquém de uma tomada de consciência.

Não seria suficiente tampouco, limitar-se aos interlocutores habituais do pesquisador, pois a difusão e a utilização desse saber, depende do lugar e da capacidade de audiência que os pesquisados têm no seio de seu próprio grupo. Pode acontecer (com frequência é o que se dá), que esses interlocutores sejam personagens importantes, notáveis que se encontram aptos a dialogar com o

pesquisador, a oferecer-lhe uma visão do grupo, já fruto de reflexões, mas que são também pessoas, que no grupo estão em uma posição de poder. O pesquisador, no exercício de sua profissão corre o risco de reforçar seu poderio pela transmissão de um saber que então se duplica e, reforça o *status quo*. É fundamental para o pesquisador, conhecer bem e poder situar as personalidades de seus interlocutores, compreender a repartição de poder no seio do grupo que estuda, para que seu trabalho não seja apropriado em benefício unicamente dos notáveis, mas que possa antes, beneficiar o maior número de componentes do grupo.

Nestas condições, a pesquisa e a transmissão dos resultados que se segue, pode ser o ponto de partida de uma tomada de consciência. Mas essa consciência se propagará? Os membros do grupo poderão definir seus problemas para resolvê-los? Escolher os meios de ação adequados? Encontrar soluções?

Ou simplesmente tudo isso é possível? A tomada de consciência determinada ou apenas auxiliada pelo pesquisador é passível de ser assumida por estes "primeiros interessados"? Não há apenas uma forma para a transmissão destes conhecimentos. Não haveria também uma questão de fundo? Dito de outra maneira, será que basta expressar as coisas em termos apropriados, compreensíveis, a esses homens e mulheres, ou será que não é preciso além disso, que os assuntos tratados sejam do interesse deles? Mas então, que conhecimento o pesquisador deve colocar à disposição dos interessados, e consequentemente, que conhecimento buscar

Na época em que vivemos, entre as populações que o pesquisador, o etnólogo por exemplo, vai trabalhar, há aqueles que após terem sido submetidos por longo tempo, são levados nas contradições do "subdesenvolvimento", e outros nas contradições do "desenvolvimento". Nos dois casos, isso significa transformações consideráveis que sofrem, sem ainda disporem de meios para compreender o que lhes acontece concretamente. O etnólogo, como qualquer outro pesquisador em ciências sociais, não pode mais se retirar para uma torre de marfim e dali

realizar uma "pesquisa pela pesquisa", uma pesquisa "pura", que de qualquer forma, não existiria, pois ele mesmo não pode se abstrair de um contexto sócio-político que de fato, diz respeito a ele diretamente. Ele também depende de um poder que possa orientar sua pesquisa; e não é sem razão que os povos recentemente independentes acusam os etnólogos de serem possíveis agentes do neocolonialismo.

É importante que os pesquisadores se conscientizem do papel que desempenham, ou que se faz com que desempenhem no seio de seu próprio grupo social; e é importante também que eles reflitam sobre as orientações que darão à suas pesquisas.

Mas isso significa que cabe aos pesquisadores sugerir ao pesquisados os assuntos de sua pesquisa? Sem dúvida que sim, em grande parte. Mas em parte apenas, porque, com raras exceções; as pessoas observadas não dispõem, desde o início, de métodos para chegar a um conhecimento científico, nem possibilidade de análise que o pesquisador possui e disso faz sua profissão.

Entretanto, no transcurso das entrevistas que fazem a relação de pesquisa, o pesquisador é gradativamente iniciado nas preocupações de seus interlocutores. Tanto que lhe é possível determinar rapidamente, com precisão, quais os assuntos de estudos que podem ser úteis ao grupo no qual, com o qual e para o qual ele vai trabalhar.

O fim é claro: ele consiste em tentar colocar as aptidões do pesquisador a serviço das pessoas que são seus interlocutores na pesquisa, examinando com eles as dificuldades que têm, os problemas que se esforçam, em compreender nas situações de crise que atravessam no momento.

Ali poderia terminar a relação de pesquisa. O pesquisador terminou seu trabalho, prestou contas de sua missão, colocou nas mãos daqueles que estudou, uma possibilidade de compreender seus problemas. A eles cabe decidir que seqüência dar, que condições lavar em conta, que medidas tomar, que tipos de ação

executar dentro do contexto social, econômico e político em que se encontram.

Mas a pesquisa terminada, o trabalho publicado, a relação deve ser esquecida? O pesquisador tirou proveito e prestígio social dela, mas freqüentemente ele se distancia daqueles que foram seus interlocutores, mesmo quando o "campo" é próximo, mas eles, os pesquisados não o esqueceram.

Para o grupo que ele estudou, história prossegue, podendo lhe reservar constrangimentos, espoliações, tragédias ou mesmo genocídio. Por vezes foi o estudo do pesquisador que facilitou (sem que ele tenha previsto) ações, contra o grupo. Exemplos célebres (projeto Camelot, por exemplo) provam que a pior utilização de um trabalho de pesquisa pode ter lugar. E mesmo quando não tenha sido sua pesquisa que expôs o grupo, o pesquisador não deve sentir-se implicado? Não é ele quem melhor pode explicar as conseqüências perigosas de decisões aparentemente *anódinas*? Sua responsabilidade não foi engajada? Não deve ele considerar-se, e por um bom tempo, como aquele que pode e deve testemunhar em favor dos homens e mulheres que estudou, e que foram seus interlocutores privilegiados em um ato científico e uma relação social importante: a relação de pesquisa?